

CAPPELLI

E-mail: paulo.cappelli@correiodamanha.net.br

com Lucas Gayoso

Instagram: @jornalistapaulocappelli

RAFA NEDDERMEYER/AGÊNCIA BRASIL



Os ministros determinaram o encaminhamento de cópia dos autos ao TSE e ao Ministério Público Eleitoral

TCU envia ao TSE suspeita de uso de dinheiro público pelo PL para fretar avião

O Tribunal de Contas da União (TCU) encaminhou ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) uma representação sobre suspeitas de uso de recursos públicos do Fundo Partidário pelo Partido Liberal (PL) para o fretamento de uma aeronave. O acórdão também determinou o envio de cópia dos autos ao Ministério Público Eleitoral (MPE), para que os órgãos avaliem eventuais providências dentro de suas competências.

A decisão foi tomada por unanimidade pela Primeira Câmara da Corte. Apesar do encaminhamento, o TCU decidiu não conhecer da representação por entender que ela não preenchia os requisitos de admissibilidade exigidos pelo regimento interno. Com isso, o processo foi arquivado no âmbito do tribunal, sem análise do mérito das suspeitas.

Na decisão, os ministros determinaram o encaminhamento de cópia dos autos ao TSE e ao Ministério Público Eleitoral "para ciência e adoção das providências que entenderem cabíveis no âmbito de suas respectivas competências".

O acórdão divulgado não detalha o valor gasto com o fretamento, a identidade dos passageiros nem as circunstâncias dos voos investigados.

O arquivamento no TCU não representa reconhecimento da regularidade dos gastos. Caberá aos órgãos eleitorais avaliar se há elementos que justifiquem novas apurações.

Assaltantes invadem casa, roubam carros e três cachorros, mas devolvem animais de Uber

Quatro assaltantes armados invadiram uma residência em Franca, no interior de São Paulo, roubaram dois carros, diversos objetos de valor e três cachorros, que posteriormente foram devolvidos por meio de uma corrida de Uber. O caso chegou ao STF, onde o ministro Flávio Dino rejeitou um recurso apresentado por um dos condenados pelo crime.

Segundo os autos, os criminosos pularam o muro da residência durante a madrugada e renderam duas mulheres, identificadas como Alcineida Maria Ferreira Borges e Isabela Cristina Borges Coelho.

Durante o assalto, o grupo levou um Hyundai HB20, um Chevrolet Tracker, televisores, notebooks, celulares, uma cafeteira, um purificador de água, tênis, relógio e bijuterias. Os assaltantes também levaram três cães de estimação das vítimas, sendo dois da raça shih-tzu e um spitz alemão.

O episódio ganhou um desdobramento inusitado quando os três cachorros foram devolvidos ao namorado de Isabela por um motorista de Uber. O profissional não soube informar quem havia solicitado a corrida, e a identidade de quem providenciou a devolução dos animais não foi esclarecida.

As investigações também permitiram localizar os veículos roubados. Um dos envolvidos apontados pela investigação, Mateus Junior dos Santos, foi localizado usando um moletom associado ao assalto e portando um relógio pertencente a uma das vítimas. Ele negou participação no crime.

Mateus acabou condenado a oito anos e nove meses de prisão por roubo majorado.

A discussão chegou ao STF por meio de um pedido de habeas corpus. Ao analisar o caso, Flávio Dino negou seguimento ao recurso apresentado pela defesa.

JOSIER VILAR

Presidente da ACRJ e fundador da Iniciativa FIS

A Indústria da saúde: independência ou morte

A pandemia de Covid-19 deixou mais de 700 mil mortos no Brasil e expôs uma vulnerabilidade estratégica: nossa dependência de insumos, medicamentos, equipamentos e tecnologias produzidos no exterior. Quando o mundo inteiro disputou máscaras, respiradores e princípios ativos, ficou evidente que poder comprar não significa conseguir abastecimento.

As mudanças climáticas, a degradação ambiental e a circulação global de pessoas ampliam os riscos de novas emergências sanitárias. Preparar o país para enfrentá-las exige mais do que hospitais e profissionais qualificados: exige capacidade produtiva, científica e tecnológica.

A globalização reduziu custos e ampliou o acesso a produtos, mas concentrou cadeias estratégicas em poucos países, especialmente China e Índia. No Brasil, a perda de competitividade industrial, os entraves tributários e regulatórios e o investimento insuficiente em inovação aprofundaram a dependência externa.

É hora de fortalecer o Complexo Econômico-Industrial da Saúde (CEIS), que reúne indústria farmacêutica, biotecnologia, equipamentos médicos, serviços assistenciais, universidades, centros de pesquisa e empresas inovadoras. Essa integração pode gerar empregos qualificados, riqueza e, sobretudo, melhor assistência à população.

Este tem sido o papel da INICIATIVA FIS, uma organização não governamental sem fim lucrativo que tem reunido todo o ecossistema da saúde brasileira com esse propósito.

Para isso acontecer, não precisa nos isolar economicamente nem de fabricar tudo aqui. Precisamos combinar inserção internacional, fornecedores diversificados e produção nacional de bens essenciais. A Nova Indústria Brasil oferece um caminho, mas metas e anúncios só terão valor se acompanhados de execução, segurança jurídica, financiamento, governança e avaliação de resultados.

Cinco prioridades são decisivas: mapear insumos e tecnologias críticos e proteger suas cadeias de abastecimento; aproximar universidades, hospitais e empresas para transformar pesquisa em soluções; estimular startups, inteligência artificial, biotecnologia e saúde digital; usar o poder de compra do SUS para induzir produção competitiva e de qualidade; e estabelecer uma governança permanente, com metas e responsabilidades compartilhadas.

O Rio de Janeiro reúne condições singulares para liderar essa agenda. Fiocruz, universidades, hospitais de referência, centros de pesquisa e empresas podem formar um polo de inovação, produção e assistência com projeção internacional.

O papel da Iniciativa FIS é o de tentar articular essas competências em um projeto comum de desenvolvimento.

O fortalecimento do CEIS deve ser política de Estado, não de governo. Sua finalidade não é proteger indústrias por si mesmas, mas assegurar autonomia sanitária e acesso equânime, com qualidade e no tempo certo, aos cuidados de saúde.

A pandemia ensinou, de forma dolorosa, que dependência excessiva pode custar vidas. Investir na indústria da saúde é investir na soberania, na economia e, acima de tudo, no futuro do Brasil.